



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

## A MULTIPLICIDADE DE SENTIDOS NAS SALAS DE BATE-PAPO

### *THE MULTIPLICITY OF SENSES IN CHAT ROOMS*

#### RESUMO

Os sentidos são tantos quantos forem os sujeitos. Baseado nessa afirmação, este trabalho pretende convidar os leitores a analisar os sentidos que se revelam nas relações constituídas nas/pelas formações discursivas dos sujeitos que se apresentam nos apelidos existentes nas salas de bate-papo, voltadas para a temática “sexo”. Em busca dos efeitos da produção dos sentidos, serão descritas e analisadas diversas linguagens. As salas foram escolhidas através da incidência de *nicks* representativos do tema em questão. Os *nicks* selecionados, para esta análise, utilizados por homens e mulheres estão respectiva e claramente descritos, para melhor entendimento da postura de ambas as classes, frente à relação que sugerem construir por meio dessa conexão. Não se pretende, aqui, rotular pessoas, pois o rótulo é um dos ícones da discriminação, da necessidade de propagar algo ou alguém como superior ou inferior, melhor ou pior. Busca-se ampliar a discussão sobre os sentidos evidenciados no discurso dos sujeitos que se apresentam na interação dos internautas de algumas salas de bate-papo para, e, posteriormente, talvez, poder desenvolver um trabalho interativo, envolvendo internautas, analistas de discurso, educadores, sociólogos e psicólogos, de forma a pensar alternativas de como maximizar as relações afetivas nas salas de bate-papo, preservando o respeito à individualidade de cada um, sem quebrar a espontaneidade que se apresenta neste espaço virtual.

**Palavras-chave:** Salas de bate-papo, Discurso Sujeitos, Nicks.

#### ABSTRACT

The senses are as many as the subjects are. Based on this assertion, this work intends to invite readers to analyze the meanings that are revealed in the relationships constituted in the discursive formations of the subjects that present themselves in the nicknames existing in the chat rooms, focused on the theme of "sex". In search of the effects of the production of the senses, several languages will be described and analyzed. The rooms were chosen by the incidence of nicks representative of the theme in question. The nicks selected, for this analysis, used by men and women are respectively and clearly described, for a better understanding of the posture of both classes, in front of the relation that they suggest to build through this connection. It is not intended here to label people, for the label is one of the icons of discrimination, of the need to propagate something or someone as superior or inferior, better or worse. The aim is to broaden the discussion about the senses evidenced in the discourse of the subjects that present themselves in the interaction of the Internet users of some chat rooms for, and later, perhaps, to be able to develop an interactive work, involving internauts, discourse analysts, educators, sociologists and psychologists, so as to think of alternatives to maximize affective relationships in chat rooms, preserving respect for each individual's individuality,



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

without breaking the spontaneity that presents itself in this virtual space.

**Keywords:** Chat Rooms, Subject Speech, Nicks.

## **Fazendo o *download*... O início da conexão**

Parafraseando a definição de *download*, logo que comprei computador quis “trazer o mundo para dentro da minha casa”. Assim, instalei a internet ansiosa e fascinada com a ideia de ter mais um meio, sem sair de casa, de ampliar a minha rede de interações. Para quem gosta de lidar com pessoas é formidável! As salas de bate-papo pareciam ser uma ótima invenção do ciberespaço, mas, imediatamente, constatei que a grande maioria, esmagadora, que lá se encontra, não sabe usar da subjetividade, sem ser pornográfica, “sexualóide” e “sensualóide”.

Prioritariamente, o sexo é tratado por um viés totalmente pejorativo. Isso nos leva a inferir que, talvez, a pessoa queira se esconder de si mesma e dos outros, camuflando-se com um assunto tão banalizado e deturpado, por não conseguir ser assertiva pela dificuldade de falar dos seus projetos, dos seus afazeres, de seus objetivos pessoais, profissionais, dos seus sentimentos, das suas emoções. É como se tivesse sido convocada para uma guerra de autodegradação, contrária a todas as virtudes de que somos potencialmente dotados. Tudo se funde, apenas, em sexo, e de uma forma que compromete a própria dignidade ou a do outro. O ser humano se apresenta como se constituído apenas de genitálias, e como se sexualidade se reduzisse, e tivesse como fim a cópula. Onde está a psique? A alma? O espírito? O que o homem e a mulher buscam com essa interação cheia de “ruídos”?

Louro entende que “Embaladas pela ameaça da AIDS e pelas possibilidades cibernéticas, práticas sexuais virtuais substituem ou complementam as práticas face-a-face. Por outro lado, adolescentes experimentam, mais cedo, a maternidade e a paternidade.” (LOURO, 2001, p.10). A banalização do sexo, visão restrita da interação humana, arraigada a um entendimento unilateral de relacionamento humano se



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

distancia, consideravelmente, do que o terceiro milênio espera de nós – sensibilidade, autoconhecimento, crescimento pessoal e espiritual.

Zabot afirma que “o encontro entre as culturas e os saberes é uma das marcas do processo histórico que estamos vivendo, mas o encontro ‘entre as pessoas’ e ‘as pessoas com a sua própria interioridade’ é o que mais necessitamos.” (ZABOT, 2002, p.25). Filosoficamente, cabível mencionar Sócrates com sua recomendação “Conhece-te a ti mesmo” e, possivelmente, encontraremos respostas para as perguntas que nos fazemos, que fazemos ao outro e sobre o outro, e para as perguntas que deixamos de fazer por que não sabemos para onde e por que “navegar”. É, não sabemos, por vezes, para onde e por que “navegar”. Será que temos que concordar com Fernando Pessoa, quando afirma em um dos seus poemas que “navegar é preciso, viver não é preciso”? Se assim for, qual o papel das novas tecnologias para o terceiro milênio? Como poderão as novas tecnologias contribuir para a formação de sociedades mais humanizadas e humanizantes?

Parece que aqueles que trocam a satisfação das suas necessidades básicas (hidratar-se, alimentar-se, repousar o corpo e a mente, por exemplo) por horas “navegando” estão em busca do prazer corporal imediato, presos à ideia de que somente esse constitui o ideal de satisfação pessoal plena.

Os prazeres do corpo apropriaram-se do nome porque os buscamos com mais frequência do que os outros, e porque todos os homens o experimentam; e por não conhecerem outros, as pessoas pensam que não existem outros prazeres. (ARISTÓTELES, 2002, p. 168).

A concepção reducionista, por vezes equivocada de sexualidade, nos conecta de maneira pobre ao outro. Ela precisa de tempo, constitui-se historicamente, como entende Foucault (citado por LOURO, 2001, p.11). É uma invenção social.

## **Iniciando a autenticação... A criação da Internet**

A Internet, rede telemática, foi criada em 1969, com o nome de Arpanet, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o propósito de interconectar os



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

centros de investigação mais importantes do país. A expansão se deu no país e foi atraindo vários países, chegando esses a ter linhas de comunicação com essa rede e criar centros para gestioná-la. Dessa forma, foram criadas a EUNET (Europa) e a JUNET (Japão). A gestão da internet foi, então, descentralizada, passando a receber esse nome ao final dos anos 80. No Brasil, foi lançada a RNP (Rede Nacional de Pesquisa), com o intuito de implantar, por todo país, um serviço de redes para ser utilizado em atividades de apoio à educação, pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico.

Além dos domínios ligados às atividades mencionadas acima, somam-se os políticos, os linguísticos e os discursivos. São nesses últimos que nos deteremos, enfocando a inegável interatividade (possibilidade que se tem de interferir, por meio da mídia) que esse veículo proporciona, podendo alterar atitudes e comportamentos dos que dela participam. Lévy (2000, p.81) explicita o que vem a ser interatividade, utilizando a TV, o videocassete e o telefone. O telefone...

### **Qual o seu número?**

Por interatividade Lévy entende que é “a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação” (LÉVY, 2000, p.79) e que o parâmetro para avaliar o grau de intensidade de uma mídia ou de um dispositivo de comunicação pode ser medido em eixos diversos, a saber: possibilidades de apropriação e de personalização da mensagem recebida, reciprocidade da comunicação, virtualidade, implicação da imagem dos participantes na mensagem e telepresença.

Pela solicitação frequente, por parte dos internautas, de números de telefone das pessoas com as quais tecla, a interferência de que o telefone é o grande recurso interativo aliado do computador na garantia de uma maior proximidade entre os “tecladores” é incontestável.



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

Lévy afirma que, de certo modo, a comunicação telefônica é mais interativa que a comunicação por mundos virtuais, por nos colocarem em contato com o “corpo” do interlocutor. Além da imagem do seu corpo, é a sua voz em si. “Por meio desse contato corporal, toda uma dimensão afetivas atravessa “interativamente” a comunicação telefônica. O telefone é a primeira mídia de telepresença.” (LÉVY, 2000, p.81)

Será que esse é o motivo de tanto fascínio pelas salas de bate-papo de tantos internautas? Como fazer o *log in* nessas salas, para percorrer o mundo da subjetividade, sem fazer o *log off* do mundo da objetividade, que preserva a razão, sem banir a afetividade, mas usando o bom senso como eixo central?

A internet faz parte da globalização e é uma forma de comunicação fácil, barata e difundida, que irá inevitavelmente transformar a vida dos que se aventuram pelo ciberespaço, permitindo acesso a longínquas bases de dados e a informações que, de outro modo, seriam difíceis de encontrar. É uma ferramenta poderosa, porque reúne grande número de informações que não constam em livros ou que vão ser publicadas somente daqui a alguns anos. (MERCADO, 2001, p.55).

Em um nível mais fundamental, sabemos que o ato de comunicação, segundo Lévy, “define a situação que vai dar sentido às mensagens trocadas. A circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação (...) os interlocutores fazem intervir o contexto para interpretar as mensagens que lhes são dirigidas” (LÉVY, 2002, p.21). Portanto, pode-se entender que a maior parte dos internautas se comunica por meio de mensagens remetentes ao sexo de forma a defini-lo apenas como algo anatômico, não respeitando os aspectos psicológicos dos outros usuários, relacionados às emoções.

## **Espiar – Entrar...**

Priorizando os “apelidos”, iniciaremos, a partir de agora, afastando-nos um pouco da discrição e do eufemismo que a Academia preza, e, não querendo “psicologizar” ou



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

ser moralista, analisar algumas marcas e propriedades que possibilitam que percebamos os sentidos que “rolam” nos *nicks* utilizados pelos internautas de algumas salas de bate-papo, recorrendo à Análise de Discurso, e apoiando-se, mesmo que, superficialmente, na Psicologia e na Linguística.

Pêcheux define:

A Análise de Discurso – quer se a considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leitura – se apresenta com efeito como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. E isto compreendendo-se o entremeio seja no campo das disciplinas, no da desconstrução, ou mais precisamente no contato do histórico com o linguístico, que constitui a materialidade do discurso. (PÊCHEUX, 1997, p.8).

Segundo Pêcheux, não é possível separar categoricamente o linguístico do discursivo, porque se o primeiro corresponde às condições materiais de base, o outro corresponde ao processo. Assim, “tratando-se das condições de produção, uma forma de se integrar, na consideração do sentido, além do contexto, o aspecto histórico, é através da reflexão sobre a relação entre o linguístico e o discursivo.” (ORLANDI, 2001, p.162)

Para Orlandi (2000, p.45), uma das tônicas da Análise de Discurso é ressignificar a noção de ideologia, considerando a linguagem. Embora polêmica, a noção de formação discursiva é fundamental na AD, “pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso.” (ORLANDI, 2000, p.43)

Sobre formação discursiva, Foucault assevera:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. (FOUCAULT, 2000, p.43).

Falamos algumas vezes em “sentidos”, mas, afinal, o que é “sentido” para a Análise do Discurso?

Aquino<sup>1</sup> (2004) afirma:

A linguagem é uma mediação entre o homem e a realidade natural e social. A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a maneira de os homens produzirem sentidos numa sociedade determinada sociedade.

Para Barthes (citado por DANTAS, 1999, p.113), sentido não corresponde ao grupo de palavras existente em um dicionário ou gramática, apreendido por conhecimento da língua, e sim as conotações, os sentidos, que podemos, por meio de associações e por relações, recuperar. Por isso, tanto Barthes quanto Orlandi (2001, p.161) afirmam que o sentido não é somente linguístico, mas há sentidos literais (denotativos) e sentidos transferidos (conotativos).

Dantas (1999) acrescenta que os sentidos denotativo e conotativo têm sido motivo de alguns problemas para a AD, quando se trata, principalmente, de aspectos de cunho enunciativo (entre os linguistas) e documental (entre historiadores e o outros pesquisadores não-linguistas).

Segundo Orlandi<sup>2</sup>, nós nos filiamos ao sentido. Cada um de nós se filia a uma rede de sentidos, porque cada um se reconhece, se identifica naquele sentido. Nós nos identificamos com determinado sentido e o discurso só pode ser aquele. Para que as nossas palavras tenham sentido é preciso que elas já o tenham na memória. Os discursos

<sup>1</sup> Texto elaborado pela Prof<sup>ª</sup> Mirian de Albuquerque Aquino, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), da Universidade Federal da Paraíba, para a Disciplina Seminário de Pesquisa em Informação, Comunicação e Cultura, ministrada no Mestrado em Educação, na mesma universidade, para os alunos da Linha de Pesquisa “Estudos Culturais e Tecnologias de Informação e Comunicação”.

<sup>2</sup> Curso ministrado pela Prof<sup>ª</sup> Orlandi na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), no ano de 1997, promovido pela Pós-Graduação em Letras.





WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

possuem historicidade. Não há sujeito fora da história. O sujeito só percebe o sentido em um discurso, se aquele sentido tiver significado para ele. O sujeito é descentrado, mas é histórico.

Os sentidos literais e transferidos se entrelaçam nas salas de bate-papo e são os transferidos marcados notadamente pelas metáforas. Desse modo, arrolados abaixo se encontram uns *nicks*<sup>3</sup> e a análise dos mesmos, considerando, também, as várias linguagens utilizadas pelo internautas. É digno de nota que, por entendermos que a AD não se pauta na quantidade, os apelidos selecionados formam um conjunto de doze. Os doze *nicks* estão acompanhados de alguns sinais mórficos e semânticos que contribuem na produção de sentidos e efeitos.

Tabela 1: Nicks

GRUPOS	HOMEM	MULHER
1. Manifestando desejo...	a) QUERO-GATA-GRELUDA b) H-KER-H c) VICIADO-EM-SEIOS	
2. Seduzindo alguém...	a) H-com-TESÃO b) GATO com T-19 c) CAR v ALHO	a) VIRGEM TARADA b) C-TA-BOA c) GATA-MOLHADINHA d) ALTA-com-BUSTÃO e) AFRODITE-45 f) ORIENTADORA-SEXUAL

Fonte: Produção da autora

<sup>3</sup> A coleta de *nicks* foi efetuada com a colaboração de duas profissionais da área de Educação, sendo uma Pedagoga e a outra Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.





WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

A conjuntura atual talvez admita a permanência das salas de bate-papo, com enfoque tão limitado das relações intra e interpessoal, porque a sociedade, além da globalização, se caracteriza pela automação, crise de desemprego, acesso rápido à informação e, principalmente, pela perda de parâmetros éticos.

Cohen e Fígaro (citado por FUNAYMA, 2001, p.64) afirmam:

Os parâmetros sociais, dependendo da época da cultura, sofrem variações, podendo ser aceitos ou não pelos indivíduos. Muitos conflitos sexuais surgem da não aceitação dos tabus que a sexualidade humana, gerando uma certa dificuldade para pensarmos sobre o que poderia ser considerado como normal ou como patológico, em uma relação sexual. (citado por Seixas, 2000, p.6).

Os dados nos levam a crer na desvalorização ética, enquanto ponto preocupante. Avanço científico, tecnológico, por exemplo, não coadunam com involução moral, psicológica, sexual. Transgredindo, assim, os valores, as normas, os sentimentos e as condutas apontados como os mais coerentes para se viver, que regem a sexualidade humana, em nossa sociedade, pudemos ressaltar, basicamente, a partir das salas visitadas, para este trabalho, dois objetivos específicos e pontuais relacionados ao geral “relacionar-se sexualmente com alguém”.

A partir dos apelidos supracitados e do objetivo geral, podemos inferir que os objetivos específicos dos internautas são: manifestar o desejo sexual e seduzir alguém para satisfazer suas necessidades, mesmo que seja parcialmente. Dedução um tanto quanto reducionista, mas que pode ser avaliada, quanto ao seu fundamento, nas próximas linhas que serão percorridas.

A classificação desses *nicks*, relativa aos objetivos, está disposta acima (Tabela 1). É importante lembrar que não serão transcritos, neste trabalho, diálogos dos interlocutores. Apenas os apelidos. A recorrência às linguagens iconográfica, onomatopáica e o uso de alguns sinais de pontuação serão mencionados. “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.” (ORLANDI, 2000, p.43)

Propondo-se a fazer algumas reflexões e análises, se na Retórica, a metáfora é considerada uma figura de linguagem, e na análise do Discurso significa “transferência”; ela estabelece o modo com as palavras significam; é definida por Orlandi “como a tomada de uma palavra por outra” (ORLANDI, 2000, p.44). Por isso, ela é imprescindível na análise do discurso.

A partir do Grupo Manifestando o Desejo (GMD), as metáforas se fazem presentes para “dizer”, de forma direta e sugestiva, a sua intenção. O grau dessa intenção é possível deduzir pela forma que se apresentam as letras (tipo, tamanho e cor variados).

Tal ação libidinosa sempre foi delegada somente ao sexo masculino demonstrar. Talvez seja por isso que nesse grupo não tenha sido encontrada nenhuma mulher na amostra das salas levantadas, diferente do que se vê na conjuntura atual.

Ao analisar os nicks “QUERO-GATA-GRELUDA” e “VICIADO-EM-SEIOS” vê-se no primeiro a presença dos verbo “querer”, e no segundo, implicitamente, está o verbo “ser”). Ambos os verbos, se analisarmos, são verbos que denotam uma situação já estabelecida e, por sua vez, já aceita pela sociedade, principalmente por que se trata do homem. Tais verbos denunciam a hegemonia masculina frente às questões sexuais. Ele escolhe, ele decide quando querer. Tal direito é salvaguardado, se for para usufruto masculino.

Dessa forma, “QUERO-GATA-GRELUDA” podemos interpretar “desejo teclar com uma mulher que possua a parte clitoriana protuberante”. “Gata” tomou o lugar de “Mulher”. O uso do adjetivo secundariza o substantivo, que sozinho, significa, comumente, “mulher bonita”. A ênfase se dá nos termos “quero” e “greluda”, ratificando o tom pejorativo e o objetivo, quase único, das salas de bate-papo, anteriormente mencionado – o sexo pelo sexo. As letras garrafais sugerem a urgência que se pretende teclar com uma mulher com essas características. E aí, também, a exclusão: as mulheres que não tiverem o referido atributo não serão “escolhidas”, pois, afinal, “muitos são os



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

chamados e poucos são os escolhidos”. O tipo de letra sugere, também, tornar-se evidente, para que não deixe de ser visto pelas pessoas daquela sala.

Em “H-KER-K” vê-se o desejo manifesto, ultrapassando o preconceito sexual. Já no Grupo Seduzindo Alguém (GSA), o abuso sexual se evidencia, configurado pelas parafilias, tais como: exibicionismo e *voyerismo*.

É possível ler os apelidos do segundo grupo, a partir do nível sensorial da leitura defendido por Martins. Os sentidos são explorados. Principalmente os visuais, olfativos e táteis. “GATA-MOLHADINHA” e “ALTA-com-BUSTÃO” aguçam os sentidos, porque já carregam muitos sentidos que já estão na memória. “Todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que...” (ORLANDI, 2000, p.31) aqueles *nicks* dizem.

Os *nicks* são o prenúncio da interação social, digo, da relação sexual, que se estende nas ligações telefônicas e na troca de e-mails. Vozes, onomatopeias, fotografias, carinhas, outras figuras constituem o quadro de orgia sexual, como se estivessem em uma grande catarse, como se as novas tecnologias utilizadas, desse modo, fossem reduzir um dos mecanismos de defesa tão evidentes em nosso texto – a sublimação.

O exibicionismo, configurado em alguns termos utilizados nos *nicks*, a exemplo de “C-TA-BOA”, mesmo que não se apresente por meio de fotos, a disposição das letras junto ao adjetivo “boa” tem a intenção de provocar excitação e gratificação sexual em si próprio, quando na leitura por outrem do seu apelido. A internauta que escolheu esse *nick*, provavelmente, calculou as prováveis reações nos demais “internautas”. Ela sabe que sentidos têm seu *nick* e que outros sentidos serão produzidos, juntamente com seus efeitos.

Essa parafilia era restrita à classe masculina, mas com a emancipação feminina isso foi “socializado”, mesmo que tenha sido de forma sutil, em alguns casos.

A pornografia, mais do que chamar a atenção e chocar, quer “convidar” a se relacionar sexualmente. É o que nos leva a deduzir apelido como “CARVALHO”. A predominância das letras maiúsculas mediada pelo “v” deixa em evidência o que se



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

pretende, atraindo para “teclar” pessoas que estejam com o mesmo intento – relacionar-se virtual e parcialmente, mesmo que em um primeiro encontro.

A exemplo de “CARVALHO” que, mesmo que seu sobrenome seja “Carvalho”, o fato de maximizar algumas letras e minimizar outras nos leva a inferir, também, que o importante não é a sua identidade (nominal), mas a sua “genital”. É como se se reduzisse a um único órgão do corpo e que se fosse seu “bem maior”, capaz de satisfazer qualquer pessoa integralmente.

Sabe-se que muitos dos internautas enviam fotos, nas quais estão totalmente desprovidos de roupas, atualmente, evidenciados pelos “nudes”. Em anexo, elas vêm. Seus dados como estatura, peso, diâmetro das coxas e outras partes do corpo já foram informados, desde o primeiro contato na “net”.

Alguns estudiosos, segundo Suplicy (1987), acreditam que as causas dessa expressão sexual se deve, entre outras, à imaturidade emocional e insegurança a respeito de sua sexualidade. A impunidade a esses pequenos delitos, talvez seja, também, um grande reforçador desses atos. Em nome da tecnologia, tudo pode...

Quanto ao voyeurismo, não há como negar. A necessidade de ver o outro ou de ver o outro com o outro, durante atos sexuais, sem o devido consentimento, transgredindo, portanto, a ética, é algo que se inicia, quando na exposição de alguns apelidos. Apelidos como, por exemplo, “VIRGEM-TARADA” sinalizam para “Não sou de concretizar. Sou apenas de olhar. Afinal, sou virgem!”

De acordo com Suplicy (1987), aquele que o pratica possui uma história de sentimentos envolvendo insegurança, inadequação e medo de rejeição em relacionamentos.

Comportamentos mencionados acima, parcialmente implícitos, por se “camuflarem” nos *nicks*, com tom, por vezes, jocoso, produzindo sentidos voltados ao humor, por causa da ironia e da metáfora, com auxílio do uso de preposições como “com”, “sem”, podem ser considerados “abuso sexual” e, socialmente, ainda é um problema.



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

Como se acreditassem na infalibilidade do divino, na arte de seduzir, alguns internautas apelam para a utilização de nomes dos deuses e deusas greco-latinos. O que seduz é o que consegue “mexer” na nossa mesmice”. O divino, por ser uma incógnita, nos inquieta. A fusão de magia, poder, mistério presente no “divino” nos faz querer “abrir a Caixa de Pandora” por exemplo no nick “AFRODITE-45”.

O “AFRODITE-45” é um apelido que pretende seduzir, tendo em vista a tríade citada acima - magia/poder/mistério. A adoção da idade ao lado pretende ratificar a imagem de uma mulher bonita, sensual, libidinosa e capaz de satisfazer todos os desejos dos “mortais”, até por conta da experiência de vida em todas as áreas, por ter vivido “quarenta e cinco anos”. Tal *nick* revela por demais o apelo “Estou aqui. Queiram-me!”.

### **Sair... Mudando de sala...**

As formações ideológicas e discursivas que perpassam as linguagens presentes nas salas de bate-papo influenciam o indivíduo a legitimar uma sociedade em que a mulher só deve ter como projeto maior para a sua vida “agarrar um homem” e o homem “fisgar milhares de mulheres”.

Os sentidos que sustentam esses *nicks* vêm de um lugar social que “fala” em nome da instituição sociedade machista, materialista, em que os valores do homem, da mulher, da felicidade são sempre voltados para a dominação submissão e prazer sexual, respectivamente, da forma mais explícita e simplista. E, dessa forma, certamente, estamos aquém do que se pode denominar de “sociedade evoluída”, “sociedade humanizada”.

Tentativa frustrada a de constatar uma realidade diferente nas salas internacionais. A banalização da interação é globalizada! O sexo, a sensualidade, o “conhecer” o outro, o fazer amigos, simplesmente, transformou-se em uma viciosa e medíocre rede que não pesca nem peixes, nem homens, nem muito menos almas! Pesca-



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

se, em boa parte do tempo, com essa “rede” a perda de valores tão sublimes que poderiam nos diferenciar dos outros animais.

Para distinguir os animais dos seres humanos, Lévy (2003, p.46) recorre às expressões “nicho animal” e “mundo humano”, afirmando que o nicho é muito delimitado, complementando a sua estrutura física e organização nervosa, e frequentando somente determinados meios precisos marcados por interações estereotipadas. Já o mundo humano descobre constantemente outros aspectos do seu meio, aumentando-se em intensidade e em dimensão, quando for necessário.

Maturana e Varela (1987) afirmam que somos sociais do ponto de vista genético e dotados de altruísmo biológico natural, de maneira que sentimos necessidade de pertencer a grupos humanos e de operar consensualmente com eles em nossa organização social. Ainda acrescenta sermos dotados de faculdade reflexiva consciente que nos permite transformar o mundo.

## **Qual a Qualidade das Conexões? Conectado a 240KBPS**

Acabamos voltando a nossa condição primeira da existência – instinto. As sensações, as emoções, a razão existem apenas para acertar encontros de corpos que nem aprenderam a falar com eles próprios. Ninguém parece reconhecer o divino em nosso corpo. E “divino” como antônimo de “vulgar”. É como se não acreditassem que ele – o corpo – abrigasse a nossa essência – o espírito.

Lévy, com a afirmação abaixo, reitera as linhas supracitadas:

Quanto mais viajamos, no planeta ou nos livros, na Internet ou na sociedade em torno de nós, mais se abre nosso espírito. A comunicação entre os homens desdobra-se. Reflete-se, multiplica-se na interconexão entre as informações lentamente dispostas nas bibliotecas que explodem hoje no ciberespaço. (LÉVY, 2003, p.48).



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

Há uma relação estreita entre a interconexão de um organismo (grau de sensibilidade a si próprio) e a riqueza do mundo que ele vive. Assim, quanto mais conectado com o seu interior, mais amplo é seu campo de interação, “mais rica é a sua experiência, mais ele é capaz de aprender (isto é, de aumentar seu mundo), mais ele está conectado com o exterior.” (LÉVY, 2003, p.45).

Baseado em Lévy, conclui-se que é essencial, para maximizar as interações saudáveis, selecionarmos o tipo de conexão conosco e com a exterioridade. A forma como constituímos e construímos essas interações é fundamental para entendermos os seus resultados no mundo que criamos e vivemos. Se não assumirmos uma posição reflexiva a respeito das nossas escolhas, assumiremos a condição de meros espectadores e, provavelmente, repetidores de práticas sociais alienantes, acríicas, as quais poderão comprometer a aceção da expressão “relação dialógica” entre os sujeitos.

## **De onde tc? – Concepções de Sujeito**

Inicialmente, é necessário definir “linguagem”, “ideologia” e “discurso”, embora se reconheça que, mesmo teoricamente, há uma interdependência.

Segundo Fiorin (1980), a linguagem é o veículo das representações ideológicas. É o instrumento que permite que as representações ganhem materialidade. Dessa forma, a linguagem passa a ser vista “como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente” (BRANDÃO, 1995, p.12). Bakhtin, por sua vez, a forma que a presença concreta do ideológico se encontra nas palavras, as quais constituem a trama das relações sociais, já que, para ele, a palavra é o signo ideológico por excelência, produto da interação social.

A ideologia, portanto, na visão de Chauí, baseada em Altusser e Marx, consiste, precisamente, na transformação das idéias da classe que domina no plano material





WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

(econômico, social e político), denominado de infraestrutura, e também domina no plano espiritual (das idéias), ou seja, na superestrutura.

Fiorin assevera “A esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida de homem, e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia.” (FIORIN, 1998, p.28). A ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar através do mecanismo da sujeição.

A AD de linha francesa proporciona uma análise externa do texto, pois verifica as relações entre o discurso e o contexto sócio-histórico. Para melhor compreensão dos fatos contextuais sócio-históricos que auxiliam na construção do sentido do discurso, é importante expor um breve histórico da AD. Esse, por sua vez, limitar-se-á às concepções de sujeito da enunciação.

Em um primeiro momento, a língua é vista como uma representação do real, pois um enunciado só era verdadeiro se correspondesse a um estado de coisas existentes. E a segunda tendência é a de que a língua tinha função demonstrativa – a capacidade de exprimir representações. É nesta tendência que se coloca a questão da subjetividade na língua. O sujeito utiliza a língua para exprimir suas idéias e representar o mundo.

Benveniste (1991) baseia-se na reflexão de que a língua é um fenômeno individual, e o sujeito é dono do seu discurso e através de marcas no enunciado vai se construindo a sua subjetividade. Segundo ele, o sujeito é egocêntrico e se caracteriza pela sua heterogeneidade.

Mas, como a ciência não é algo acabado, surgem novos estudos e teorias que se contrapõem à teoria de Benveniste que vê o sujeito não como um ser único, mas que divide espaço com o outro e é marcado em um espaço e em um tempo, sendo essencialmente histórico. É o que se percebe nos estudos de Bakhtin, Ducrot, Pêcheux e outros estudiosos da língua. Bakhtin elabora sua teoria dialógica, partindo do pressuposto de que a língua não é um sistema monológico, colocando que:



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo fotopsicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (BAKHTIN, 1981, p.92)

Para esboçar sua teoria, Ducrot parte do pressuposto de que o enunciado fornece indicações sobre o(s) autor(es) eventua(is) da enunciação. Sua tese comporta duas idéias: a construção da enunciação é atribuída a um ou a vários sujeitos e distinção entre esses sujeitos – os locutores e os enunciadores.

O objetivo fundamental dele é contestar a tese da unicidade do sujeito falante e mostrar em uma perspectiva Semântica da Enunciação como é possível detectar a polifonia em um enunciado isolado.

Sua maior contribuição foi a elaboração dos conceitos de locutor e de enunciador, o que precisa ser resgatado, segundo os analistas do discurso, e é a noção de historicidade presente no conceito de polifonia de Bakhtin, uma vez que suas colocações sobre polifonia não atendem à exterioridade, o que se chama historicidade, porque suas análises se limitam a uma análise interna.

Sabe-se, portanto, que o discurso não é mais homogêneo e o sujeito não é mais egocêntrico, porém divide espaço com o outro na relação que constituem e direcionam o seu discurso. Apoiando-se nesses argumentos surge a teoria da Heterogeneidade Discursiva.

O dialogismo e a teoria do inconsciente de Freud são basilares para que Authier-Revuz elabore a teoria da heterogeneidade discursiva, em que o discurso, como já foi visto acima, não é mais homogêneo, mas formado por uma história pertencente a uma instituição social e no momento da enunciação utiliza esses diferentes discursos que, de certa forma, revelam sua formação ideológica e, conseqüentemente, sua formação discursiva, pois a segunda é a materialização da primeira.

Sobre essa heterogeneidade discursiva, Orlandi faz a seguinte reflexão:



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

Todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos: imagem, grafia, som etc; quanto à natureza das linguagens: oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição etc; quanto às posições do sujeito; quanto às formações discursivas. (ORLANDI, 2002, p.63)

Na sequência, podemos verificar como é tratada a noção de sujeito por outros teóricos, a exemplo de Pêcheux.

A idéia de assujeitamento defendida por Pêcheux, um dos teóricos mais representativos da Análise do Discurso, se apoia em dois conceitos nucleares nos quais se baseia a AD – o de ideologia (influência de Althusser) e o de discurso (influência de Foucault).

A não-subjetividade é a palavra de ordem. Assim, “o sujeito perde o papel central para se inteirar no funcionamento dos enunciados” (FIGUEIREDO, 1998). A sujeição do sujeito se evidencia. Ele não é visto mais como o autônomo, mas constituído segundo as formações discursivas e ideológicas relacionadas com sua posição no processo sócio-histórico “porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo” (BRANDÃO, 1995, p.49). Por estar associada a essa idéia de espaço sócio-histórico “sua fala é recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social” (BRANDÃO, id, ibidem). E é a partir disso o que o faz reproduzir discursos historicamente já constituídos. Desse modo, surge a noção de sujeito ideológico.

A ideologia pode ser vista com “visão de mundo”. Essa visão é expressa pela linguagem, seja ela verbal e não-verbal. Por serem os discursos socialmente determinados, Fiorin vê a linguagem como veículo das ideologias, por ser vista como instituição social.

Além de o sujeito ser visto como porta-voz da Ideologia, também o é da Psicanálise. A visão de mundo sendo expressa, com tamanha introjção e naturalidade, levou alguns teóricos, a exemplo de Pêcheux e Fuchs (1975), a discorrer sobre a ilusão discursiva do sujeito que, por sua vez, vincula-se a dois tipos de esquecimento.

Explicitando, o sujeito acredita que seu discurso é genuíno, ou seja, que “ele é o criador absoluto do seu discurso” (BRANDÃO, 1991, p.66). Esse esquecimento reflete o



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

sonho adâmico – Adão foi quem pronunciou as primeiras palavras. Já o outro tipo de esquecimento reflete o pré-consciente, seleciona-se, sem consciência, as palavras que são ditas, não percebendo que o dizer sempre poderia ser outro.

Os esquecimentos supracitados, segundo Orlandi, são estruturantes, pois fazem parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. “As ilusões não são ‘defeitos’, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos” (ORLANDI, 2000, p. 35-36).

Gregolin diz:

Enquanto ‘sistema de regras’ o discurso achava-se a salvo dos problemas semânticos e das determinações sociais. No entanto, a partir do momento em que se pretendeu abordar os significados do discurso foi necessário repensar a metodologia, o objeto de análise, as articulações entre a linguagem e a sociedade e entre o enunciado e a enunciação. (GREGOLIN, 1988, p.8 citado por FIGUEIREDO, 1998)

Por fim, é importante salientar que os discursos já se encontram em processo, quando nascemos, (e) nós é que entramos nesse processo. O que há é singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Entretanto não somos o início delas, e isso é uma determinação necessária, a fim de que haja sentidos e sujeitos. É a esse fenômeno que os teóricos denominam de materialização do discurso.

## **Log off... Uma breve avaliação**

A exterioridade, certamente, influencia bastante as nossas escolhas (ORLANDI, 2001). A cada encontro virtual e/ou presencial, a ansiedade, a decepção, a frustração, o arrependimento. Sentimentos que nos entristecem, nos tirando a paz e pondo-nos em desequilíbrio.

Perde-se muito tempo diante deste duo – tela e teclado que, “caricaturalmente”, poderíamos chamar de “máquina difusora de mentiras”. As inverdades se constituem no



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

silêncio dos interlocutores marcado por traços como as reticências, por exemplo. As letras garrafais (quando se quer exigir que alguém tecle, representando o grito), as onomatopeias (quando se quer representar o instinto sexual), o diminutivo (quando se quer seduzir, fazendo propaganda enganosa, para dar a entender, principalmente á mulher que ele – o homem – será o seu protetor, o provedor de todas as suas expectativas, principalmente emocionais e psicológicas. Ledo engano!) são marcas do desrespeito a si mesmo e a outrem.

As salas de bate-papo são verdadeiros “vomitórios” onde é expurgado o lado mais vil do humano e o que mais assusta é que as salas mais cheias são as que mais apresentam o discurso em questão. Isso nos leva a inferir e, em seguida, questionar incessantemente, o que, de fato, esses seres procuram? Será que pensam encontrar a si mesmos, projetando-se no outro? Será que as mulheres, embora com o verniz da pós-modernidade, ainda são “como nossos pais”, presas ao “complexo Cinderela” (quando a mulher se considera eternamente desprotegida e sem poder de decisão), inclusive para selecionar melhor com que homens interagir por meio da internet? E os homens, será que necessitam ainda se autoafirmar por meio da linguagem fálica em meio ao terceiro milênio?

A virtualidade é um modo bastante visível nas redes sociais virtuais. Muitos dos interlocutores, talvez, desconheçam os três sentidos do termo “virtual” – técnico, corrente e filosófico, embora estejam cômnicos de que “virtual” não é “real”, e sim “atual”. O que não aconteceu poderá acontecer; “é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato” (LÉVY, 2000, p.47). Tal definição tem sentido filosófico. Já a acepção de irrealdade diz respeito ao uso corrente. Por fim, o técnico liga-se à informática.

Segundo Orlandi, “as palavras mudam de sentido conforme as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (2000, p.42-43). O sentido surge e se constrói no contexto.

Por sua vez, Lévy diz:



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

O jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. Ao dizer que o sentido de uma mensagem a uma “função do contexto, não se define nada, já que o contexto, longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado. Palavras, frases, letras, sinais ou caretas interpretam, cada um à sua maneira, a rede das mensagens anteriores e tentam influir sobre o significado das mensagens futuras. (LÉVY, 2002, p.22)

Dentre as múltiplas inteligências apresentadas por Gardner (1995) é pertinente, para tal discussão, ressaltar a intrapessoal que potencializa a autoavaliação para o reconhecimento dos nossos pontos fortes (valores, habilidades, virtudes) e das nossas limitações. Desconhecer esse tipo de inteligência, talvez, explique e justifique muitos dos nossos atos, falas e silêncios desumanizantes. Sabe-se que as transformações sociais formadoras de estilos de vida e relacionamentos dos anos 60 seriam profundas e desconcertantes, e com as décadas seguintes isso se acentuaria.

Este século com seus vários apelidos – Sociedade em Rede, Terceira Onda, Sociedade Pós-Moderna, Sociedade do Conhecimento reafirmam, segundo Zabet e Silva (2002), que vivemos em uma aldeia global, que somos todos índios, e que precisamos nos sentar em volta do fogo e dialogarmos sobre o nosso destino em comum. O fogo, explica ele, significa a beleza e o mistério da natureza, bem como a capacidade de o ser humano dominar as forças naturais, por meio da cultura e da técnica. A nossa qualidade de vida, das nossas relações está no “diálogo da técnica com a cultura, da racionalidade com o sentimento, a intuição e os significados interiores” (ZABOT E SILVA, 2002, p. 20). O nosso destino humano, ainda de acordo com Zabet e Silva (2002), ao mencionar o Relatório Delors, relatório elaborado por uma Comissão organizada pela UNESCO, a qual crê que à Educação cabe construir um patamar humanizante, ao fazer do avanço do conhecimento um instrumento de promoção do gênero humano, defende o conceito de educação ao longo da vida “com suas vantagens de flexibilidade, diversidade e acessibilidade no tempo e no espaço” (1996, p.12). É nesse contexto que o Relatório aponta para a responsabilidade que cada um de nós possui para a contribuição da democracia, valendo-se de três desafios a serem levados em consideração pelas políticas



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

públicas na área da educação – contribuir para um mundo melhor, no sentido de um desenvolvimento humano sustentável, na compreensão mútua entre os povos e na renovação de uma vivência concreta da democracia.

Frente aos desafios acima citados, alguns pilares e princípios tecidos no relatório em foco, com o acréscimo de algumas tensões que, fatalmente, haveremos de superar: “o global e o local, o universal e o singular, a tradição e a modernidade, o longo prazo e o curto prazo, a indispensável competição e o respeito pela igualdade das oportunidades, o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação do homem, o espiritual e o material” (2010, p.8). E todas essas tensões já têm sido travadas presencial e virtualmente, e parece não ser impossível tentarmos conviver de forma mais harmônica com essas contradições, visto que a natureza humana já é por si só contraditória.

Seja nas redes mais remotas, tais como MSN, ORKUT, seja nas utilizadas atualmente, a exemplo dos grupos de Whats app, Facebook e os aplicativos de relacionamento - Tinder, Badoo, Happn e tantos outros – podemos expandir nosso grau de consciência do que seja o bem comum, e, tendo isso presente em nosso viver, seja possível produzir outros sentidos que nos qualifique de “sociedade da informação”, de “sociedade educativa” imbuída de valores advindos de base ética e a da ajuda pacífica.

Os múltiplos sentidos das várias formas de expressão, veiculadas por alguns elementos nas salas de bate-papo, no público ou no privado, poderiam ser ainda, neste texto, espaço para reflexões e discussões a exemplo dos *emoticons*, dos *nudes* e das reações a eles; dos sinais de pontuação empregados, e das próprias mensagens emitidas pelos usuários. O que nos resta, quem sabe, é ressignificar a virtualidade, buscando usar as redes sociais virtuais para tratar e vivenciar a sexualidade de forma menos pejorativa e descuidada. Mas isso é tema para outro “bate-papo”.





WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

## Referências

- AQUINO, M. De A. *Texto sobre Análise do Discurso*. João Pessoa: 2004.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2002, 240p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec, 2010, 203p.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981, 150p.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1991, 95p.
- BRENNAND, E. G. DE G. VASCONCELOS, G. C. *Admirável mundo virtual*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2002, 106p.
- CITELLI, Adilson (coord). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e tv, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2000, v.6, 253p.
- DANTAS, A. de M. *Os sentidos do político em discursos de campanha*. Leitura – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística LCV – CCHLA – UFAL: Análise do Discurso, n.23, p. 113-122, jan./jun. 1999.
- DELORS, J et al. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília: MEC: UNESCO, 1996, 41p.
- FIGUEIREDO, I. De L. *Fiando as tramas do texto: a produção de sentidos no atelier de leitura e produção textual*. Tese de Doutorado, UNESP, Araraquara – SP, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6 ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, 239p.
- FUNAYAMA, A. M. *Docentes atuando na prevenção do abuso sexual na infância*. Revista Presença Pedagógica. Belo Horizonte, n.39, p. 62-71, mai/jun. 2001.



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – Universidade Federal da Paraíba

Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003, 260p.

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, 208p.

\_\_\_\_\_. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Tradução Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001, 192p.

LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 176p.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy, 1987.

MERCADO, L. P. L. *A internet como ambiente de pesquisa na escola*. Revista Presença Pedagógica. Belo Horizonte, n.38, p. 52-55, mar./abr.2001.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes. 2002

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2000, 100p.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2001, 276p.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996, 118p.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996, 156p.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997, 68p.

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987, 367p.



WALKÍRIA PINTO DE CARVALHO – **Universidade Federal da Paraíba**

ZABOT, J. B. M., SILVA, L. C. M. da. *Gestão do conhecimento: aprendizagem e tecnologia – construindo a inteligência coletiva*. São Paulo: Atlas, 2002, 142p.

Recebido em abril de 2018

Aprovado em abril de 2018